

FOLHA CURIÓ



MULHERES EMPREENDEDORAS

do Conjunto Curió lutam pela autonomia financeira e o sustento da família.

CADERNO ESPECIAL

Combate ao machismo

3 : 6

UMA CASA TODA NOSSA

casAvoa

EDITORIAL

MULHERES

Ao longo da história, as mulheres foram silenciadas, embora as vozes existissem. As mulheres foram invisibilizadas em casa, na rua, no trabalho e na ciência por conta da estrutura patriarcal, um sistema que fornece poder ao homem e o coloca no centro das relações sociais, que persiste na nossa contemporaneidade.

Atualmente, temos avanços e observamos as mulheres ocupando lugares e tornando-se visíveis, como o mercado de trabalho, cadeiras nas casas legislativas de Brasília, embora seja um número pequeno, na produção da ciência e onde ela quer estar. As conquistas dos direitos das mulheres aconteceram de forma universal, como, o direito ao voto e o ingresso ao mercado de trabalho. Entretanto, cada mulher possui uma história diferente e passa por desafios que vai de encontro com sua realidade, mesmo que todas sofram com o machismo.

Temos as mulheres negras que enfrentam cotidianamente o racismo, temos as Marias que moram na periferia e enfrentam as dificuldades de educar um (a) filha (o) sozinha, tendo que conciliar com o trabalho mal remunerado, as transexuais que enfrentam a transfobia e tantas outras que estão cotidianamente em busca do seu ganha pão e sonhos na conquista de espaços para o direito de ser e estar.

Cada mulher tem sua trajetória, especificidades e lutas cotidianas. São mulheres pretas, faveladas, moradoras do Curió, mães, esposas, tias, avós, chefes de casa, domésticas, jovens, poetas, artistas, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, indígenas, sem terra, sem teto, ribeirinhas e infinitas. São mulheres livres, inspiradoras e potentes. Posto isto, lutamos por um mundo onde caiba e respeitem todas as formas de ser mulher.

Por Ingrid Pontes
Representando a equipe Folha Curió.



PERFIL DO MORADOR

A ideia do quadro Perfil do Morador é trazer a dimensão humana que constitui o bairro, as várias formas de vida que aqui habitam, fazendo de cada morador uma janela que dá para o bairro. Seguindo este roteiro, aqui estamos com Anna Beatriz, ou Bea, para os mais chegados. Feminista, negra, com 17 anos, aluna do 2º ano do Ensino Médio da EEMTI Telina Barbosa da Costa, o famigerado Telina, na Messejana, que é uma escola de tempo integral onde Beatriz está matriculada além das disciplinas obrigatórias do ensino básico, nas disciplinas eletivas, que são: Atualidades; Empreendedorismo; Feminismo; Esportes e "ONHB" (um curso de preparação para a Olimpíada Nacional de História do Brasil em que está inscrita).

Beatriz gosta de séries, de ler, de História, se interessa por assuntos que envolvem a desigualdade social (não é difícil entender os interesses nas disciplinas eletivas em que Bea está matriculada). A estudante, que já veio de escola particular, conta que na escola pública foi onde encontrou maior diversidade e onde o ensino mais fez sentido. Enfatiza a escola e professores, como Levi Mota (Telina Barbosa) e Walmir (Terezinha Parente), figuras importantes em sua juventude, que, segundo ela, é a fase de maior transformação que vem vivendo.

Para esta garota, juventude é revolução, feminismo é poder, o presidente é uma vergonha e ter 17 é libertador.

Por Patrícia Lopes,
Colaboradora da Folha Curió.

CADERNO ESPECIAL

Combate ao machismo

OS IMPACTOS DO MACHISMO E TRANSFOBIA NA PERIFERIA

Pensar um bairro periférico é pensar sobre muitas violências. Violências essas institucionais, seja por parte do governo ou da polícia. Assim, é preciso pensar em um público que sofre vários tipos de violência até mesmo antes da criação do bairro Curió, as mulheres, mães ou não, mulheres ou meninas, cis ou trans que encaram questões não-faladas e não-denunciadas, questões que consomem seus psicológicos e corpos.

Dessa forma, essa violência também é concebida para com essas mulheres de uma forma generalizada, não somente por seus maridos ou pais, mas por vizinhos e vizinhas, por familiares e autoridades. É histórico, criam-se pessoas para menosprezar tudo que é entendido como mulher, tudo que se assemelha ou que seja mulher, até mesmo a própria mulher é construída para odiar a outra. Logo, o machismo é concebido na educação das pessoas. Assim, se percebe a negação que existe com tudo aquilo que é feminino e o que é direcionado à mulher. Entende-se que a mulher é fraca, que ela não é capaz de muitas coisas, e isso não se ouve de hoje, é muito antigo, até mesmo antes de o bairro ser só uma vila rodeada de árvores.

Entender a violência contra a mulher é entender o seu espaço e lugar, é repensar o lugar do homem e seus privilégios, é rever a forma como as crianças,

principalmente meninos, são criadas para serem violentos e arrogantes em relação às mulheres e suas questões. Sendo assim, perpetuada uma cultura machista que atinge a esses homens, não de forma drástica como na mulher, mas também. Dessa forma, quando se nasce uma criança entendida biologicamente como menino, é esperado que o mesmo cresça com brutalidade e virilidade, mas quando o mesmo não absorve essas características e se apresenta com características ditas "femininas", como a afetividade ou a facilidade para emoções, ele é taxado como o "viado".

Assim, perceber que as mulheres que sofrem violência doméstica sofrem por muitos motivos, mas nenhum deles é porque elas querem ou porque elas gostam. Não se torna uma resistência fácil quando se tem que lidar com uma comunidade que é ensinada a te julgar pelo crime de ser mulher, visto que é necessário provar a cada dia suas capacidades para si e para os outros, para não se deixar cair na ideia de que é necessário uma presença masculina para se manter a estabilidade da casa.

É preciso pensar ainda lugar das mulheres trans do bairro em meio, não somente a tanto machismo, mas também tanta transfobia, transfobia essa vinda de muitos lados, lados que não compreendem a mulher trans como um corpo feminino e que também não se permite à vida desse corpo. Um exemplo muito famoso é o caso de Dandara,

mulher torturada e morta por moradores de seu próprio bairro. Essa desvalidação da vida travesti é, infelizmente comum, é criada a partir de uma imagem de algo não natural para com o corpo da mulher transexual.

O natural logo acaba sendo a hostilização, a tortura e outras violências que se tornam naturalizadas para todas as mulheres, mulheres que sofrem violência doméstica é natural porque "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher"; com mulheres travestis é natural porque "não quer ser mulher? Tem que aguentar". Discursos que, ao se ler, parecem abomináveis, mas que, na prática, são comuns e reproduzidos por muita gente.

É necessário enxergar essas mulheres trans ou cis do bairro e dar a elas chances de sobrevivência, dar respeito para com suas lutas e vivências, perceber o quanto nossos discursos são machistas e transfóbicos e que precisamos repensar essas ideias.

Sendo assim, é necessário principalmente denunciar qualquer tipo de violência contra a mulher, ligar pro 180, sendo você ou não a vítima, a denúncia é importante para que percebamos a real situação de mulheres violentadas, para assim podermos dar o real apoio e proporcionar a elas espaços para superação e resistência.

Ayla Nobre,
estudante de Ciências Sociais

FOLHA DÓ MEIO

Indicações

Ela Quer Tudo



Série que fala sobre a liberdade (principalmente sexual) feminina tendo como protagonista uma mulher negra que se relaciona com 3 homens.

Vitória Helen, 19 anos, moradora do bairro Curió.

Irmão do Jorel



A animação mostra o cotidiano de uma família excêntrica e bem exagerada. O desenho atrai tanto o público infantil como o adulto, pois além de ser engraçada, também apresenta diversas críticas sociais.

Carolina Alves, 15 anos, moradora do bairro Curió.

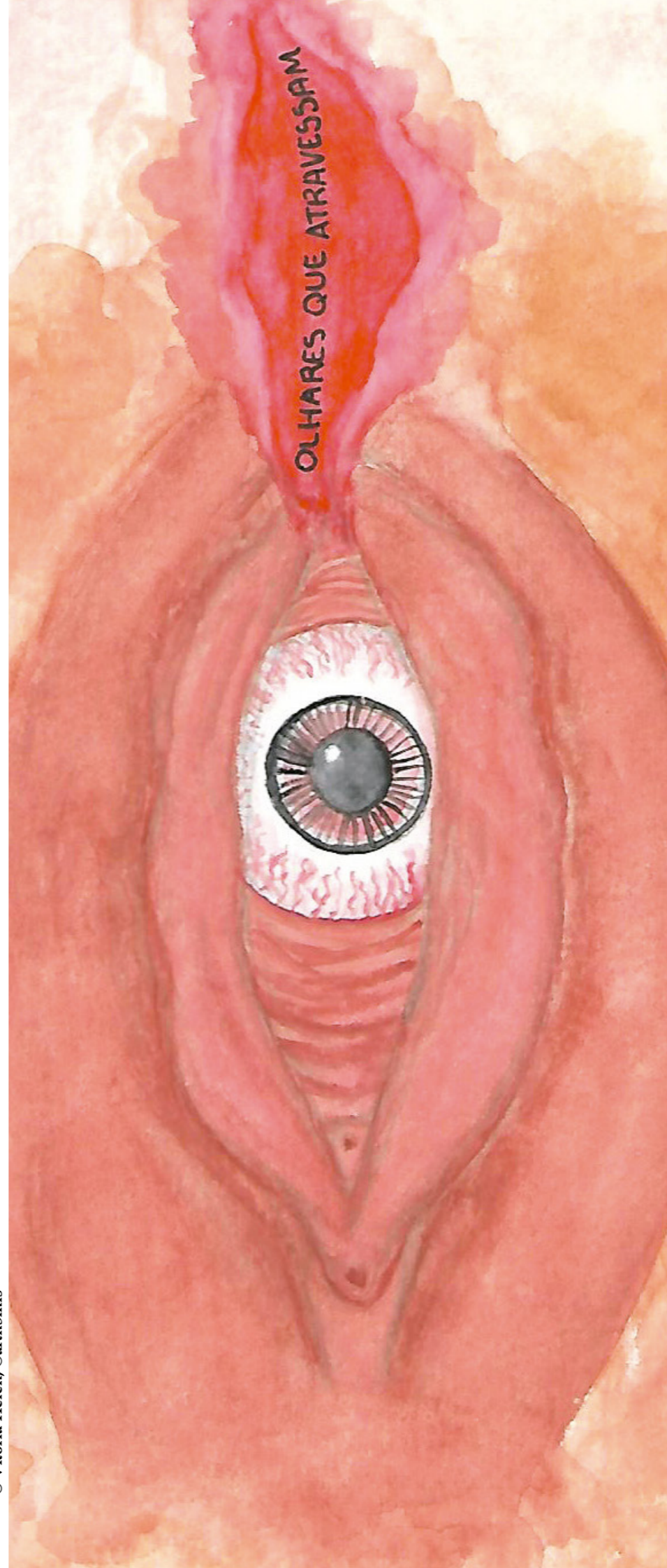
As aventuras de Sabrina



Série sobre uma jovem bruxa-mortal. Sabrina Spellman tem diversos questionamentos sobre patriarcado, religião e feminismo.

Jéssica Gabrielle, 27 anos, moradora do bairro Mondubim.

© Vitória Helen, @arth3mis



PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE O MACHISMO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

O machismo está enraizado historicamente e culturalmente no nosso país. Assim, desde quando as civilizações foram surgindo, surgiu também o machismo, logo o mesmo foi crescendo aos poucos até chegar neste ponto. Nós mulheres sofremos esse preconceito há muito tempo e até hoje lutamos pelos nossos direitos.

Conseguimos alguns direitos que reivindicamos há vários anos e é uma grande vitória. O machismo se reúne em várias "etapas" e todas elas são de grandes impactos. Um dos mais que prejudicam a mulher é a violência psicológica, que além de diminuir a autoestima, também ridiculariza e insulta a pessoa que está ouvindo.

Nesse ano de 2019, o número de mulheres assassinadas é preocupante. O Brasil no início deste ano, segundo a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que se manifestou por nota publicada, pontua que 126 mulheres foram mortas em razão de seu gênero, ou seja, pelo fato de serem mulheres.

Ana Rosaline Santosw, 16 anos, estudante do ensino médio.

Historicamente no Brasil os casos de machismo vem crescendo cada vez mais ao decorrer do tempo na sociedade. No Brasil, uma mulher é morta a cada duas horas, uma é estuprada a cada onze minutos; mais de cinco mulheres são violentadas por hora. Pode-se presenciar o machismo em diversos casos, podemos usar como exemplo, músicas, filmes etc.

Podemos presenciar o ma-

chismo no futebol, pelo fato dos homens não aceitarem que as mulheres o pratiquem, ou pelo fato de uma mulher jogar mais que o homem e, a partir disso, um homem começa a rebaixar a mulher por conta de ele estar em um nível a menos que ela. Ou seja, isso passa a ser machismo, o homem subestimar a mulher.

Muitas mulheres são vítimas de machismo por usarem roupas curtas. Uma pesquisa realizada em 2014 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelou que 42,7% dos brasileiros acreditavam que mulheres de roupas curtas mereciam ser estupradas e 35,3% concordavam totalmente que as mulheres se comportassem de maneira adequada haveria menos estupros.

O machismo está interligado e agrupado com a sociedade, principalmente no ato do homem não deixar a mulher trabalhar pelo fato do mesmo pensar que ela depende dele para sobreviver, que a mulher tem que cuidar apenas da casa e não ter domínio próprio sobre ela. Na maioria das vezes o homem pensa que ele domina a mulher só por estar com ela.

O que torna o machismo mais visível é o fato de um homem e uma mulher exercerem a mesma profissão, dividirem o mesmo cargo e o homem ganhar mais que a mulher, ou, até mesmo, as pessoas não aceitarem mulheres exercerem algumas profissões pelo fato de acreditar que a mulher é mais frágil que o homem.

Marcos Vinicius Albuquerque, estudante do ensino médio, 16 anos

UMA CASA TODA NOSSA

CASAVOA

Caso você more na comunidade do Curió, provavelmente, já ouviu falar, ou até mesmo frequenta a Livro Livre Curió Biblioteca Comunitária, assim como deve conhecer o Jornal Comunitário Folha Curió. Desde o ano passado, essas duas ações têm melhorado a qualidade de vida e o acesso à informação e ao conhecimento em nossa comunidade.

A novidade é que agora a Folha Curió e a Livro Livre Curió uniram-se e abriram uma casa, que reúne as duas ações e pro-



move outras atividades. Inaugurada no dia 31 de março de 2019, a CasAvoa fica na Rua Leonice Aguiar, 330, e promove apresentações musicais, lançamentos de livros, cursos, oficinas, atividades para as crianças, espaço para reunião, local para pesquisa, estudos, clube de leitura infantil, além de disponibilizar um acervo de Livros, Cds, Dvds, Revistas, Quadrinhos,

Jornais, para empréstimos livres, sem precisar de cadastro, como já vem fazendo a Livro Livre Curió Biblioteca Comunitária.

A CasAvoa também é o espaço ideal para quem tem sugestões e ideias para as edições da Folha Curió, para galera que tem vontade de fazer alguma atividade de arte, ciência, cultura, educação e não tem lugar para colocar suas ideias em prática.

Funcionando de segunda a sábado de 08:30 às 20:30, a CasAvoa fica aberta com a ajuda de jovens da comunidade, como é o caso do Marcelo, nosso colaborador, e a ajuda das galeras da Livro Livre Curió e da Folha Curió.

A casa é mantida financeiramente graças a pessoas da comunidade e de fora da comunidade que colaboram todos os meses com 10 reais, para nos ajudar a pagar água, luz, internet, aluguel, telefone, e comprar materiais do tipo lápis, papel, tinta. Gente como a Martinha, que tem um mercadinho no bairro, a Conceição moradora do bairro e a Paula Amanda, mãe do Gabriel que frequenta nosso Clube de Leitura Infantil todas as quartas, às 19h.

Venha conhecer a CasAvoa, traga as crianças para participar do Clube de Leitura Infantil, fique atenta as oficinas e atividades que oferecemos gratuitamente para comunidade. E, nos ajude a continuar funcionando sendo nosso(a) colaborador(a) com apenas 10 reais por mês.

CasAvoa, Rua Leonice Aguiar, 330. Curió
Telefone: (85) 3212-5209

Por Talles Azigon.



MULHERES EMPREENDEDORAS

do Conjunto Curió lutam pela autonomia financeira e o sustento da família

Não é de hoje que ao caminhar pelas ruas do nosso bairro que encontramos mulheres tocando seus próprios negócios, sejam eles: salão de beleza, supermercados, lanchonetes, bares (isso mesmo, bares) e entre outros estabelecimentos que movimentam a economia local e contribuem no sustento familiar.

De acordo com os dados da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM), nos últimos anos, a participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro ainda enfrenta desafios como desigualdade salarial e poucos cargos de liderança. Na área do empreendedorismo, o público feminino representa uma leve supremacia entre os empreendedores iniciais (51,5%). Porém, os homens ainda são a maioria (57,3%) nos negócios em funcionamento há mais de 3 anos. Além disso, os dados apontam a necessidade de investimentos em programas de apoio a mulheres com negócios já estabelecidos.

Em Fortaleza, a situação não é diferente. Os resultados dos estudos realizados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SDE), segundo a pesquisa "Perfil da Mulher no Mercado Formal - 2010 à 2015", a atuação da feminina no mercado formal tem sido inferior à masculina, com média de 42,7% de participação.

Aqui em nosso bairro, ao mesmo tempo que encontramos

vários mulheres ocupando o seu espaço de proprietárias do negócio, há também por trás delas várias dificuldades no meio do caminho para iniciar as empresas. Segundo a moradora do bairro Conjunto Curió e proprietária do "Bar da Nega", Francisca Eveline Mendes, "quando nós chegamos aqui (Curió) era muito ruim. Só vivia quem tivesse alguma coisa. Comecei o meu estabelecimento com apenas duas bebidas e, hoje, faz 19 anos que tenho esse bar. No início, eu trabalhava no Centro da cidade durante o dia e pela noite ficava trabalhando em casa".

Após 2 anos, Francisca foi demitida do emprego e teve que tirar o sustento da sua família do comércio. E foi com os lucros do bar que ela conseguiu dar oportunidades que não teve na sua vida para os filhos, como os estudos. Hoje, ela festeja a estabilidade dos seus filhos e também a formatura do filho mais novo dentro da universidade pública.

Na busca pela realização profissional e também para garantir autonomia financeira, muitas mulheres estão optando pelo empreendedorismo. Um "modo de agir" no qual você se coloca como protagonista da sua carreira profissional. Essa atitude não é tão fácil assim. "Através do tempo eu fui conquistando cada cliente, com o meu trabalho, dedicação e profissionalismo. Logo no começo, eu sofri muito preconceito com homens, por conta do tempo

que trabalhava e diziam que mulher não sabe cortar. Tem até mesmo mulheres que têm preconceito com outras mulheres e me desprezava por não ter uma estrutura luxuosa. Fui aprendendo e, hoje, tenho cliente fiéis que confiam em mim. Tento através do meu trabalho ajudar outras mulheres com a autoestima.", afirma a cabeleireira Daniella Ferreira, do Studio de Beleza Danny Fashion.

Imagine como é para as mulheres criar os filhos sozinhas, tendo que lidar com a maternidade e também com a vida profissional. Quando um filho chega na vida de uma mãe solteira, muitas vezes, ela tem que enfrentar sozinha a missão de cuidar da criança. Isso acontece porque, com a chegada do bebê, a mãe pode se deparar com dois cenários: não ter condições de sustentar a criança ou ter que mudar sua rotina para conciliar os cuidados com a criança e o trabalho.

Para a manicure e depiladora Rita de Cássia, dona da empresa Esmalteria da Ritinha. "Ser mãe solteira é difícil. Fiquei desempregada e encontrei na estética uma maneira de sobreviver. Quando eu me divorciei, foi onde eu fui senti as dificuldades de ser mãe solteira. Ouvia muito dos homens da família, que só não passava fome por causa da minha mãe. Isso me abalava muito! Depois disso, eu lutei para ter uma casa onde posso morar e com meu traba-

lho me manter!”.

Com o desejo de montar uma lanchonete, Fabiana buscava pelo o seu sonho. Desde jovem, deparou-se com a responsabilidade de criar os filhos e também os irmãos, após o falecimento da mãe. A empresária relata com lágrimas nos olhos “Desde do início, eu sempre tive que sustentar meus filhos, meus irmãos que moravam comigo, e para isso eu vendia qualquer coisa para sobreviver. Passei por bastante dificuldade na vida, até ter a estabilidade que tenho hoje. Graças a mim, pois tive um ex-companheiro que me sugava e já chegou a tirar dinheiro de mim. Sempre digo que meus fi-

lhos são meus incentivos, tudo o que eu não tive, tento dar a eles, como uma educação e uma vida de qualidade.”

Os relatos das comerciantes do Curió são exemplos de que existem muitas dificuldades para as mulheres que querem ter o próprio negócio. Isso não significa que ela não vão vencer! Mulheres fortes e batalhadoras como essas e tantas outras, marcam a história do nosso bairro. É importante pontuar que existem outras mulheres que lutam até hoje pelo seu espaço.

Por Thainara Barbalho e Daniel França, colaboradora do Jornal e graduando em Jornalismo.

EXPEDIENTE

Jornalista: Daniel França

Projeto gráfico e Diagramação: Daniel Firmino

Equipe do Jornal: Arianny Matos, Ayla Nobre, Daniel Firmino, Daniel França, Ingrid Pontes, Marcus Vinícius, Patrícia Lopes, Philippe Folgado, Talles Azigon e Thainara Barbalho.

Agradecimentos: Amanda Monteiro, Anna Beatriz, Daniella Ferreira, Fabiana, Francisca Eveline, Jéssica Gabrielle e Rita de Cássia.

As(os) patrocinadoras(es) desta edição e as(os) moradoras(es) do bairro Curió e adjacências.

Realização: Folha Curió e Livro Livre Curió.

Contatos:

Facebook: Folha Curió / Livro Livre Curió

Instagram: @folhacurio @livrolivrecurio

Whatsapp: (85) 98154-3909 - Talles Azigon

Blog: folhacurio.wordpress.com/

Rua: Leonice Aguiar, 330.

Jornal Comunitário e com distribuição gratuita.

CLASSIFICADOS



UNIÃO DO POVO
DE SANTA EDWIGES

PROJETO APROVADO NO VIII EDITAL DO AÇÃO JOVEM DA REDE CUCA



Prefeitura de Fortaleza
Coordenadoria de Juventude